

NAVEGANDO EM ÁGUAS TURBULENTAS: CONFRONTO E MUTAÇÃO NA BIOGRAFIA DOS OBJETOS

Gaudêncio Fidelis
Curador

A exposição *Museu de Contrastes* foi pensada como uma jornada alegórica com o propósito de alavancar um conjunto de problemas que vem me interessando na área de modelos de exposições nos últimos anos. Entre eles, estão a intervenção no universo da cultura através dos objetos, o questionamento do cânone artístico e das noções de alta e baixa cultura, a experiência do olhar transformacional pela justaposição, a abolição da cronologia como forma de acirramento dos limites da periodicidade e a metamorfose conceitual causada pelo atrito dos objetos diante da passagem do tempo e da tradução cultural. Esta é, portanto, uma exposição prototípica e ensaística, na medida em que propõe um exercício condensado dessas questões e pode adquirir diversos desdobramentos em projetos futuros. Ela é assim uma *travessia*, não só contingencial, mas também metafórica, cujo centro gravitacional é propiciado por uma obra de Carlos Trevi, um barco colocado no centro da exposição, como um veículo carregando uma infinidade de peças da história dos objetos que, estilizados em uma infinita fragmentação de partes significantes, irradiam-se por meio das escolhas que aparecem na exposição.

Em um ambiente de convivência turbulenta como uma sala de exposições, mar, céu e terra ajustam-se metaforicamente em uma combinação de entidades materiais que conhecemos pelo nome de objetos de diversas naturezas. Essa opacidade atmosférica – que a exposição, de certo modo pretende suprimir ao menos parcialmente dos objetos e de suas relações pelo deslocamento conceitual – transforma-se em uma plataforma de considerável interesse para novos modelos de exposições. O atrito provocado pelo confronto possibilita a investigação de uma existência muitas vezes obscurecida pelo hábito do olhar, que, acostumado com a rotina, não nos permite ver determinados aspectos de um objeto, a menos que um segundo ou terceiro objeto ative sua constituição obscurecida.

As viagens que mudaram o mundo com o “descobrimto” – ou, dito de outro modo, o avanço do império sobre o novo mundo – trouxeram consigo o estabelecimento da escravidão negra, a expansão do colonialismo (cujo principal objetivo era replicar a própria imagem do Ocidente) e a expansão sem precedentes do comércio. A aventura que levou as explorações em busca de riquezas materiais forma o centro deste que foi o maior empreendimento da era moderna. Nas águas revoltas do Atlântico, inicia-se uma assombrosa e interminável busca por posses e bens materiais que se articulam em torno de um complexo e dilacerante fluxo do desejo. Se pensarmos em uma economia política do consumo, poderemos construir uma teoria de circulação dos objetos baseada na transformação simbólica das distintas faculdades de sua realidade material. É possível repensar também uma nova forma de interior doméstico, transportado agora para o espaço da galeria: arte, objetos de decoração e outros de natureza variada encontram nesse espaço uma perfeita acomodação climática, só que agora transformados pela contextualização da justaposição.

Dentro da galeria, os objetos confrontam-se uns com os outros no tempo e no espaço, construindo uma plataforma que se completa pela convivência do espectador em meio à exposição, que deixa de ser meramente contemplativa porque esses objetos, carregados de história pregressa, foram um dia, mais do que motivo de admiração e deleite, utilitários (mesmo quando decorativos) e, portanto, participantes na vida de seus proprietários. Liberados de sua funcionalidade original, guardam tal herança hereditária e significado graças à forma que persiste através do tempo. Com ela, nossa percepção dos objetos passa por uma transmutação que resguarda a materialidade de seus corpos e, ao mesmo tempo, mantém a hierarquia em uma relação em que valor e significado equivalem-se à comunicação que eles estabelecem entre si e com o seu entorno.

A história dos objetos é também uma história da sua criação e de suas imbricações com as mudanças socioculturais. Questões de gênero tornam-se igualmente visíveis em discussões sobre a natureza dos objetos e manifestam-se por meio de um complexo conjunto de regras que se articulam na forma que adquire, no design e em sua realidade material. Tais objetos projetam ainda uma dimensão política devido à função de que são dotados. Do universo doméstico aos desdobramentos da moda ao longo do tempo, dos questionamentos sobre o corpo ao universo da cultura *queer*,

os objetos são instrumentos fundamentais para a reflexão sobre a natureza do comportamento e os rituais da convivência social. Na arte, a concepção de genialidade masculina estabelecida e mantida pela academia e pelas instituições museológicas determinou em grande parte a lógica de parcela considerável da produção artística ocidental. Objetos de decoração, móveis e utensílios não escaparam a essa lógica, mesmo quando reforçada pelo imenso aparato de utensílios domésticos dedicados ao universo feminino e à decoração de interiores. Sua inclinação é, de modo geral, construída pelas forças do interior patriarcal.

Esta exposição foi organizada levando-se em consideração um conjunto de objetos que normalmente compõe o espaço hierárquico da residência privada. Estruturado historicamente como uma disposição patriarcal da normatividade e da ordem, os diversos ambientes que compõe uma residência equivalem em essência à decoração de interiores necessária para preenchê-los e ornamentá-los, considerando ainda o estabelecimento de uma ordem comunicativa (que assinala a classe a quem pertencem) assim como as normas do espaço doméstico e como se pressupõe agir dentro delas. Essa ordem patriarcal, articulada através da disposição dos ambientes, determina regras de comportamento e um ritual específico de circulação que pode ser caracterizado como essencialmente normativo. Qualquer fuga dessa hierarquia pode ser considerada como excentricidade.

A construção do espaço privado com suas determinações históricas não teria sido possível evidentemente sem o uso de objetos, móveis e obras de arte. Na maioria das vezes, essa hierarquia passa então a ser acionada como maneira de localizar tais objetos em um grau de importância, valor e significado que lhes possibilite existir ordenadamente em um campo de trocas simbólicas. A função de uma exposição como esta é rearticular tais posições hierárquicas com o objetivo de salientar o valor para além da constituição material desses objetos e de reinstaurar um relacionamento cultural e simbólico que independe de sua natureza material e temporal.

Esta exposição também implica estratégias de colecionismo e visibilidade da propriedade cultural, dado que objetos, móveis e arte coexistem pacificamente no interior doméstico. De fato, eles coexistem e complementam-se. *Museu de Contrastes* busca restabelecer essa convivência de forma crítica, investindo em modos de exibição que sejam frutíferos para o espectador em sua compreensão do mundo dos objetos e o interesse discursivo da existência das coisas no mundo contemporâneo. A organização desses objetos no espaço visa esclarecer um conjunto de questões que envolvem o desejo de ocupação do espaço pelo domínio estético e produtivo da forma pela experiência utilitária e estética da imagem. Desse modo, está em questão a sociologia dos objetos e o seu impacto simbólico no universo da cultura.

A decoração de interiores, por exemplo, causou um enorme impacto nos modos de exibição de obras que foram historicamente utilizados, mas o contrário também é verdade. O interior minimalista surgiu a partir de seus desdobramentos na arte contemporânea no início dos anos de 1960. Um dos aspectos que esta exposição pretende evidenciar refere-se justamente aos conflitos que podemos vislumbrar desse agenciamento entre a função dos objetos e seu aspecto decorativo, transformados no tempo pela experiência da decoração de interiores e pela adição de valor histórico. Objetos servem como intercessores entre o indivíduo e o espaço. Sua relação com a vida cotidiana é mediada por sua capacidade de inscrever um caráter de tempo e, assim, atribuir-lhes valor, relacionando-os ao universo da experiência com a história. Sejam os objetos históricos ou contemporâneos, essas características encontram-se implícitas em sua própria existência.

Os objetos são também o testemunho da imaginação humana. As conexões que podemos estabelecer entre eles expandem consideravelmente tais relações. É na imaginação que reside o cerne do pensamento original antes de ser transformado em conhecimento. Colecionar coloca o indivíduo em contato com a história e confere ordem ao caos do mundo. A vida consiste em mover-se para além, estabelecer conexões entre objetos de diversas procedências e deles com o mundo, construir pontes metafóricas que colaborem para a produção de conhecimento. *Museu de Contrastes* objetiva constituir ainda uma biografia afetiva dos objetos, para além de sua proveniência, formulando um “manual de contrastes” através de um conjunto de estratégias de justaposição que desafiam o senso comum da lógica de exibição convencional. Podemos dizer que esse *manual de contrastes* é a parte da exposição que trata da introdução de novos modelos de curadoria, que sejam capazes de construir um campo de conhecimento e reflexão para uma história de exposições.

EMPRESTADORES
Arte & Fato Galeria
Ana Norogrande
Antônio Augusto Bueno
Ao Belchior Antiguidades
Azul Cobalto Antiguidades
Caminho dos Antiquários
Carlos Trevi
Cibele Vieira
Coleção José Antonio e Hieldis Martins
Coleção Particular
Fábio Del Re
Gilda Vogt
Leandro Machado
Mário Röhnelt
Mercado Negro Antiguidades
Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande Sul (MAC-RS)
Otto Sulzbach
Riboli Antiguidades
Ricardo Giuliani
Ricordo Antiguidades
Salércio Comércio de Objetos Usados
Tânia Resmini

AGRADECIMENTOS
Ana Aita
Benjamin Mattos
Carmen Baldassari
Daniel Andrade
Gelson Riboli
Hieldis Severo Martins
João Ercio Standt
José Antonio Fernandes Martins
Márcia Salete Bobrowski
Paulo Hippen
Ricordo Antiguidades
Sidnei Dichuta

COLABORAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO
Marla Trevisan

Abertura da exposição
10 de dezembro, sábado, às 11h

Rua Marechal Floriano Peixoto, 760
Caminho dos Antiquários | Centro Histórico
Porto Alegre - RS

Visitação de 10 de dezembro de 2016 à 11 de março de 2017

De segunda a sexta-feira, das 14h às 18h
Sábados das 10h às 15h

MUSEU DE CONTRASTES

[EXPERIÊNCIA 5]

OBRAS DE
Ana Norogrande
Antônio Augusto Bueno
Carlos Trevi
Cibele Vieira
Fábio Del Re
Gilda Vogt
Leandro Machado
Mário Röhnelt
Otto Sulzbach
Pedro Weingärtner
Ricardo Giuliani
Sandro Ka
Tania RResmini
Tony Camargo

Com a inclusão de antiguidades e objetos colecionáveis.

CURADORIA
Gaudêncio Fidelis

Apoio:



Realização:



Laboratório para Experimentações Artísticas

(51) 3516-2259 | labart760@gmail.com



Laboratório para Experimentações Artísticas